



A PALAVRA É SUA

ALGUNS ASPECTOS DA RECEPÇÃO DO TEMA DO CORPO NA PEDAGOGIA DO DESPORTO*

Jorge Olímpio Bento

Universidade do Porto

1. Cheguei a pensar em apresentar-me aqui em fato de treino, para assinalar de imediato a minha ligação formal e afectiva a uma profissão do corpo.

É certo que há um pluralismo de profissões do corpo, com tendência para aumentar, nomeadamente: médicos, enfermeiros, terapeutas, dentistas (xenófobos ou não), esteticistas, massagistas, costureiros, alfaiates, sapateiros, barbeiros, cabeleireiros, calistas, nutricionistas, cozinheiros, arquitectos, psicólogos, psiquiatras, etc.. Isto é, de uma ou de outra maneira, o corpo é assunto de um sem-número de profissões. O que equivale a dizer que o corpo anda por aí sob muitos disfarces, ou que são muito plurais, diversos e bizarros os disfarces sociais do corpo.

Porém, no espaço pedagógico, na opinião pública e também na doutoríssima corporação intelectual, o físico, o corpo e a cultura corporal são remetidos para o exclusivismo do professor de educação física (com esta ou outra designação afim).

Esta entrega do monopólio do corpo à Educação Física não confere destaque ou privilégio a esta disciplina e aos seus professores. Nem o nicho pedagógico é suficientemente amplo e generoso para o corpo. Porque o sólido humano, biológico e motor é assunto pouco elevado, é tarefa sobranceira que ninguém, cioso de reputação académico-científica, quer agarrar e, por isso, dispensa de bom grado. Mas não se fundamenta nisto a minha renúncia em me

apresentar aqui de fato de treino. Disfarce por disfarce, venho com o mais usual.

Acresce que julgo desnecessário fidelidade formal ao corpo, às práticas corporais e aos meus horizontes profissionais nesta casa de Leonardo Coimbra. Estou certo de que nestas salas refulge a palavra alta e profunda do grande pensador e pedagogo que, com pertinência, criticou a aversão atávica do intelectualismo lusitano e lusófono às actividades concretas e práticas. Não é em vão que na nossa formação como povo e como cultura tem peso significativo a influência semítica. Influência que Gilberto Freyre caracteriza bem, com pinceladas precisas, em *Casa Grande e Senzala*. Por isso mesmo, em Portugal e no Brasil, países de doutores, até muitos daqueles que alcançam títulos académicos em domínios e ciências da acção procuram iludir complexos de inferioridade intelectual, balbuciando discursos de rotura com as formas reais da práxis humana de onde provém.

2. Mas vamos ao corpo; é mais que tempo de lhe prestarmos atenção.

O corpo conhece, de há anos a esta parte, um assinalável aumento de referências no discurso científico e literário e até na linguagem do senso comum. O desprezo e os "desprezadores do corpo", tão asperamente fustigados por Nietzsche, encontram-se, aparentemente, remetidos à defensiva.

Filosofia, Antropologia, Sociologia,

(*) Intervenção no colóquio "Do corpo interdito ao corpo pedagógico". Instituto de Ciências da Educação, Faculdade de Letras, 21 de Maio de 1992.



Psicologia, Psicoterapia, Psicanálise e Pedagogia, todas elas, embora por motivos distintos, prestam reverências ao corpo.

Quanto à literatura, os exemplos internos de Miguel Torga (*Diário*, XV, pp 72-75) e de Vergílio Ferreira (*Em nome da terra, Invocação do meu corpo*) são elucidativos da recepção literária do corpo.

Também a problemática da saúde e doença tem favorecido a emergência, na opinião pública, do discurso da condição física e do corpo. A redescoberta do corpo, o reconhecimento e a valorização de reorganizações morfofuncionais extragenéticas e de auto construção do corpo constituem "motivo" para uma oferta de experiências corporais disponíveis para o domínio do envolvimento, para o confronto com influências geradoras de doença. Ao lado de clínicas e consultórios médicos, instalou-se um novo mercado de práticas e cuidados corporais.

Além disso, a procura de instâncias alternativas, fundamentadoras de um sentido novo para a vida, susceptíveis de preencherem o vazio decorrente do decréscimo na ligação a normas e valores ancorados em referências tradicionais, nessa procura conduz também ao corpo. Vivemos um tempo, no dizer de Meinberg (1986), de "conjuntura do corpo", de questionamento do seu papel de suporte da identidade; um tempo de diálogo com os sintomas do corpo, de aumento da ligação da pessoa a si própria e ao corpo, de vontade de redescobrir o corpo por dentro, de o sentir, experimentar e testar por dentro e por fora.

Este fenómeno acompanha novas formas de prática mais activa, sentida, "arriscada", "excessiva", intempestiva, intensiva e extensiva, "desmedida" e "anormal" do desporto, como é o caso, por exemplo, do "jogging", do montanhismo e alpinismo, da canoagem, do surf, do triatlo, das corridas de longa duração, dos desportos de combate, etc..

Na "era do vazio" de Lipovetski, o corpo é a nova descoberta, a nova categoria psicológica; é a sede da individualidade e subjectividade conquistadas por meio de todas as técnicas contemporâneas de expressão, de concentração e relaxação.

Em suma, de "terra de ninguém" (Plügge) ou de muitos poucos, o corpo passou a terra de todos.

3. Seria estranho que a Ciência do Desporto não revelasse um interesse muito grande nesta conjuntura. O corpo está nela naturalmente em casa, quer porque o perfil disciplinar, no seu todo, se centra em torno do corpo, quer porque cada disciplina, em particular, se ocupa intensamente e de modo específico com o corpo.

No caso concreto da Pedagogia do Desporto, em cujo horizonte se situam os nossos esforços e reflexões, ela incorpora uma pedagogia do corpo - uma pedagogia do jogo, do movimento, da exercitação e do rendimento do corpo.

Na teoria da Educação Física existe uma longa tradição praticamente desde Rousseau - de deduzir justificações para a necessidade de educação desportivo-corporal, a partir da essência do homem, do jogo, do movimento e da relação com o corpo. A questão antropológica emergiu muito cedo.

Inspirados nos conceitos de formação dos clássicos alemães (Humboldt, Hegel, Marx) e de Pestalozzi, assim como em numerosos ensaios científicos, os teóricos do pensamento pedagógico em Educação Física e Desporto sempre elegeram o corpo como tema central. Esteve neles sempre presente a preocupação de procurar contributos para ultrapassar as distinções rígidas de corpo e alma e de corpo e pessoa, para repor o corpo como objecto de vivência e experimentação.

Não admira, pois, o enorme acolhimento encontrado no pensamento pedagógico da Educação Física e Desporto pelas noções do carácter de "vivência" e de "acto" do corporal, do corpo "vivo" e do "corpo experimentado" ou sentido, do carácter de mediação do corporal na relação pessoa-corpo-mundo.

Abordemos algumas posições que têm acompanhado o "regresso do corpo" e que têm exercido profunda influência na Pedagogia do desporto, nos últimos tempos. Diga-se, desde já, que este "regresso do corpo" é, ao cabo e ao resto, um regresso da antropologia (Bento, 1987; Meinberg, 1986).

Em primeiro lugar, regressou uma antropologia normativa da formação datada do final do século 18 e do início do século 19.

As suas idéias principais prendem-se



com a retomada da "crítica dos tempos", alicerçada em Rousseau e Schiller, preocupada com a permanente perda da identidade do indivíduo. Trata-se de repor a unidade perdida do indivíduo. Para tanto, a norma "identidade" funciona como norma de vida, devendo ser perseguida pelos processos de formação.

A crítica volta-se contra a sociedade e a cultura, por destruírem sistematicamente ou por não deixarem emergir a identidade de cada um.

Esta crítica reflecte-se também em teoremas actuais do corpo. Tais teoremas reclamam atenção para a funcionalização do corpo, para a "economia" do corpo, para a sujeição do corpo ou paradigma do economicismo, para a repressão, a manipulação e aperfeiçoamento técnicos e ilimitados do corpo, ao serviço do aumento de rendimento e à luz de uma racionalidade técnico-científica.

É assim denunciada uma utilização unilateral do corpo que leva cada vez mais ao desaparecimento da sua variedade simbólica e do próprio corpo, à perda de identidade do indivíduo, ao aumento do conflito entre a estreiteza do corpo social e a abrangência de sentidos do corpo privado.

Neste contexto é visado também o corpo desportivo ou o uso predominantemente unilateral do corpo e no desporto.

A crítica volta-se contra o modelo reducionista do corpo social, contra a experiência "negativa" do corpo, advogando uma educação motora e cultural que reconcilie o sujeito do corpo e o corpo social.

Uma segunda linha de influências, muito ligada à anterior, prende-se com uma **fenomenologia** de raiz antropológica.

Influência significativa nas teorias do corpo é exercida pelas posições de Merleau-Ponty, nomeadamente: de que o homem está situado e ancorado no mundo por meio do seu corpo; de que a participação do homem no mundo apenas é possível pela sua organização corporal; de que o "corpo está no mundo como o coração no organismo"; de que o corpo é o filamento da existência humana; de que o corpo é produtor de sentidos e, por isso, merecedor de uma hermenêutica própria.

Para possibilitar o "estar no mundo" do homem, o corpo não é coisa entre coisas, mas requer uma abertura que Merleau-Ponty

designa de "ambiguidade". Pelo que o homem nunca pode dispor inteiramente do corpo; este escapa-se sempre ao homem, não é possível o seu domínio absoluto. Eis um elemento essencial da "condição humana" que confere ao corpo as marcas de cultura e historicidade e que, por isso mesmo, acarreta o perigo, no dizer dos críticos, de condicionar os comportamentos corporais ao sabor dos ditames das circunstâncias histórico-sociais.

Aqui desponta uma nova corrente designada de "**experiência corporal**", inspirada na filosofia da experiência de Husserl. Esta, como se sabe, critica fortemente o predomínio positivista e objectivista das ciências naturais, não apenas por ter provocado uma crise da ciência e da "humanidade europeia", mas também por concomitantemente ter esquecido o mundo vital e o sujeito nela actuante, por ter separado um do outro. No campo da Educação Física e do Desporto, a crítica visa o corpo humano degradado em "aparato motor" métrico, o "corpo escolar" com uma pobreza notória de experiência e com assinalável diminuição de subjectividade. Mais ainda, a predominância do "corpo instrumental", como produto de uma cultura marcada pelo cientificismo, dizima o mundo da experiência subjectiva. Torna-se, pois, necessário repor o contacto com a pluralidade do mundo por meio de uma pluralidade de experiências corporais. Mundo, subjectividade e experiência são o quadro antropológico de referência para a discussão do tema "**experiência corporal**".

Uma terceira linha de influências liga-se à **Antropologia Filosófica** de Plessner, nomeadamente à sua ideia da "**posicionalidade excêntrica**" do homem.

Enquanto a vida do animal é "cêntrica", a do homem é, também e simultaneamente, "excêntrica". Devido a esta "excentricidade" o homem pode deixar o seu centro, sair de si, distanciar-se de si, colocar-se face a si próprio, comportar-se para si próprio.

O pressuposto desta "posicionalidade", deste "Dasein", é uma forma de organização "centralista" do corpo semelhante à do animal. Como Eu o homem permanece preso a "aqui e agora", no centro de total convergência do envolvimento e do próprio corpo. Tal como o animal, o homem não pode alhear-se



da sua corporalidade, permanece irrevogavelmente preso a ela. Porém a corporalidade humana distingue-se da do animal com três traço característicos:

O primeiro e o segundo traduzem a relação dupla do homem com a sua existência física: Ser e Ter corpo. O animal é corpo, sendo, de certo modo, dominado pelos seus órgãos. Mas o homem é corpo e tem um corpo, tem disponibilidade de mudança do ser dentro do próprio corpo para o ser fora do corpo. O Ser humano realiza-se através do ser no seu corpo ("interioridade") e através do Ter corpo, ou seja através de uma "exterioridade" ou "instrumentalidade" corporal que transcende a forma de organização animal.

Nisto reside um aspecto decisivo para a existência física do homem. O homem está sempre em situação de empregar o seu corpo como meio e como instrumento para a sua existência eminentemente social.

A possibilidade e capacitação para tal utilização depende da terceira característica da corporalidade humana - a sua "reflexividade".

A posicionalidade é dada ao homem como Eu - e como tal o Eu é reflexivo, pode expressar-se no corpo.

A forma "excêntrica" da existência do homem implica um princípio antropológico fundamental. O homem está, por natureza, fabricado na cultura. O cultural e o artificial são-lhe tão naturais como o seu equipamento biológico. Ou, se se preferir, a cultura adquire no homem um estatuto de "artificialidade natural".

Dito de outra forma, às funções orgânicas, inequivocamente sujeitas a leis biológicas, podem ser colocadas exigências sociais, determinando que o corpo humano seja não apenas organismo mas também um facto social. O corpo torna-se objecto de realização num processo em que o "natural" pode ser reformulado no quadro das leis da natureza e sob a perspectiva de objectivos e exigências socialmente determinadas.

O homem pode - por meio de acção consciente - reorganizar o seu biosistema no âmbito do seu campo genético de possibilidades, manifestando corporalmente a unidade e a inseparabilidade das dimensões natural e social da existência humana. Através do comportamento são transmitidas informa-

ções ao corpo que alteram as suas condições interna, com base nas possibilidades de adaptação extragenética.

O corpo, enquanto organismo, é um sistema discente na actividade, um sistema acessível a partir do exterior, dispondo de numerosos graus de liberdade, para se adaptar à variação e elevação do nível de exigências do meio envolvente, desde que seja objecto de estimulação correspondente. Isto não quer significar que seja um prolongamento ou um produto passivo do envolvimento, mas quer sim dizer que o corpo modifica positivamente a sua estrutura segundo as exigências. O que contém a possibilidade de desenvolvimentos individuais e de maior independência corporal.

A adaptação - fenómeno que confere expressão ao corpo - evolui assim para uma qualidade social. Aquilo que é adaptativamente "criado" serve naturalmente o ser criador! A vida interior (ou orgânica) é constituída por um melhor ajustamento à vida exterior ou vida de relação.

É à luz destes princípios que se revêem as funções e possibilidades do desporto, do treino desportivo, da condição física e dos programas da sua manutenção e desenvolvimento.

Na Pedagogia do Desporto este é entendido como uma tecnologia do corpo, como o expoente máximo das tecnologias do corpo nos nossos dias, como um fenómeno que apresenta, promove e disponibiliza formas muito distintas, mas todas especificamente sócio-culturais e historicamente datadas de lidar com a corporalidade. Ou seja, o desporto é, em primeiro lugar, um sistema de comportamento corporal, marcado por normas, regras e convenções culturais; é, em segundo lugar, um sistema assente nas condições anatomofisiológicas do corpo.

A relação do desporto (e das suas formas mais modernas, actuais e elaboradas ou mais rudimentares e primitivas) com o corpo sempre se processou no quadro dos conceitos e considerações usufruídas por este. Uma peregrinação histórica através dos tempos não deixa nenhuma dúvida a este respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO, Jorge Olímpio. Desporto "matéria" de ensino. Editorial Caminho, Lisboa, 1987.



BENTO, Jorge Olímpio. Desporto Saúde Vida. Em defesa do Desporto. Livros Horizonte, Lisboa, 1991.
MEINBERG, Eckhard. Die Körperkinjunktur und ihre anthropologischen Wurzeln. Sportwissenschaft, Schorndorf, 16(2):129-147, 1986.

ENDEREÇO DO AUTOR / AUTHOR ADDRESS

Jorge Olímpio Bento
Fac. Ciências Desp. Ed. Física
Pçt Pedro Nunes
4000 Porto
Portugal

